



IMAGENS, GÊNERO E JUSTIÇA – UM ESTUDO COM PROFESSORES DE ARTES VISUAIS

Fabiana Lopes de Souza¹
Maria Cecilia Lorea Leite²

Resumo

Este texto parte de uma pesquisa em andamento, a qual objetiva investigar as concepções dos professores de Artes Visuais de escolas públicas quanto às imagens da justiça e as relações de gênero no currículo escolar. Serão coletados dados a partir de entrevistas semiestruturadas, diários de campo e realização de desenhos que serão produzidos por professores de Artes Visuais atuantes em Escolas Públicas de Ensino Fundamental. As imagens produzidas pelos docentes serão analisadas a partir do Método documentário de Interpretação, proposto por Ralf Bohnsack, visto que o autor destaca a importância do tratamento das imagens no âmbito da pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Imagens, gênero e currículo

Cultura Visual, Gênero e Currículo

Os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar também as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana.

Hernández (2000) chama a atenção para a importância da decodificação de símbolos e signos presentes nas imagens da cultura visual e o quanto o estudo das mesmas podem auxiliar os indivíduos a terem uma melhor percepção sobre si mesmos e sobre o mundo em que estão inseridos. Segundo o autor, a cultura visual contribui


para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...] (HERNÁNDEZ, 2000, p. 52).

As imagens são produtoras de sentido e fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano escolar. Dentro e fora da escola estudantes e professores estão expostos as mais variadas formas de visualidades seja pelos programas de TV, internet, vídeo games e/ou propagandas publicitárias.

¹ Doutoranda em Educação, PPGE/FaE/UFPel, fabiana.lopass2013@gmail.com

² Doutora em Educação, PPGE/FaE/UFPel, melleite@gmail.com





As identidades vão modificando através das relações estabelecidas com o universo visual, imagens midiáticas e de consumo como também da inter-relação entre as pessoas.

De acordo com Meyer, os indivíduos aprendem desde cedo a ocupar e reconhecer seus lugares sociais de forma naturalizada, por isso a autora afirma que trabalhar com o conceito de pedagogias culturais resultantes das noções de educação e educativo, abrange forças e processos que incluem a família e a escolarização, sem limitar-se as mesmas. Existem ainda as forças dos meios de comunicação de massa,

os brinquedos e jogos eletrônicos, o cinema, a música, a literatura, os chamados grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro, e que redefinem mesmo os modos com que temos teorizado o currículo, o ser professor, o ser aluno e os processos de ensino e aprendizagem (MEYER, 2013, p. 24).

Os indivíduos passam por processos de reconhecimento do eu e do outro, reprodução de comportamentos e modos de ser que incluem gênero e sexualidade, entre outros, instituídos não só pela família e escola, como também pelos meios de comunicação e informação.

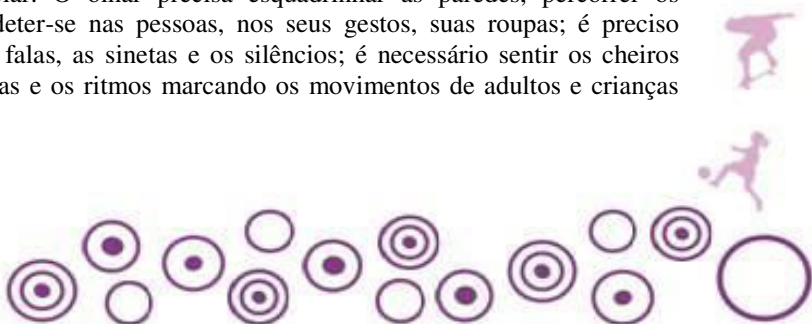
A partir de referências pós-estruturalistas, Louro (2014) analisa a produção das diferenças e das desigualdades sexuais e de gênero articulando com outras questões sociais como: classe, raça e etnia.


A construção das identidades femininas e masculinas acontece a partir das relações, representações e práticas sociais, com isso, o conceito de gênero “[...] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 2014, p. 27).

Em relação à construção escolar das diferenças, Louro discute como a escola produz as diferenças e desigualdades entre os sujeitos, classificando-os de uma maneira hierárquica. “A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas” (LOURO, 2014, p. 61).

A escola institui modelos, maneiras de ser e estar em seu espaço, demarcando diferenças. Tudo o que a escola apresenta aos sujeitos acaba produzindo múltiplos sentidos para os mesmos, por isso de acordo com Louro, os sentidos

precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças (2014, p. 63).





É preciso estar atento e perceber cada detalhe do cotidiano escolar, mesmo assim cada pessoa terá um olhar e uma maneira diferente de estabelecer sentidos ao que foi percebido ou experienciado por ela.

Tempo e espaço foram aprendidos e interiorizados por diferentes grupos sociais ao longo da história e assim suas concepções tornaram-se “naturais”; a escola é um destes espaços em que os sentidos são treinados e considerados como “naturais”, por isso é sempre importante desconfiar do que é tomado como “natural”.

A escola tem um papel fundamental na troca e produção de conhecimentos, com isso não é possível pensar um currículo escolar neutro das representações e reproduções sociais e culturais. O currículo é considerado

um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de uma produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (MOREIRA; SILVA 2011, p.13-14).

A escola atua na produção de conhecimentos e na criação de significados sociais e culturais, dentre outros; e o currículo escolar está envolvido nestas ações, especialmente, nas relações de poder que demarcam as diferenças sociais, implicando na construção de identidades individuais, femininas e masculinas.

Gênero e Arte Contemporânea

Visando aprofundar a fundamentação, desta pesquisa, apresento a seguir imagens do trabalho de duas artistas contemporâneas brasileiras, que tratam de questões sociais e de gênero em suas obras.

A artista Rosana Paulino, nascida em São Paulo em 1967, produz obras ligadas a questões sociais, étnicas e de gênero. Paulino utiliza linhas e agulhas, tecidos e objetos “banais” para elaboração de suas obras (Figuras 1 e 2). A artista afirma que “o fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição de mundo”. (PAULINO, 1997 apud TVARDOVSKAS, 2010).





Figuras 1 e 2: Série Bastidores, 1997, imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura, 30cm.
Fonte: ACERVO DA ARTISTA, 2017.

Na série Bastidores, a artista apresenta a condição da mulher negra na sociedade brasileira a partir de imagens que expressam uma supressão de seus direitos.

Questões de gênero e de etnia são demonstradas na série, na qual a artista procura expressar o machismo e o racismo que ainda oprimem muitas mulheres brasileiras (PIMENTEL, 2017).

Outra artista que retrata questões de gênero em suas obras, em especial a violência contra a mulher, é Beth Moysés, nascida em São Paulo em 1960.

A produção de Beth Moysés inclui: instalações, performances, fotografias, entre outras obras. Na série Noivas do Carandiru (Figura 3), a artista retratou noivas em uma cerimônia de casamento dentro do presídio.

Fiquei [...] instigada a saber o que poderia seduzir essas mulheres a casar-se com a violência, unindo-se a um detento discriminado pela sociedade, sem a menor perspectiva de uma vida familiar [...] A preparação para o ato da cerimônia era igual à de noivos comuns, porém a expectativa não poderia ser a mesma. Logo após os atos civil e religioso, os casais se despediram do “conto de fadas”. As noivas se despiram da fantasia e voltaram à cruel realidade de suas vidas (MOYSÉS, 2004, p. 99).



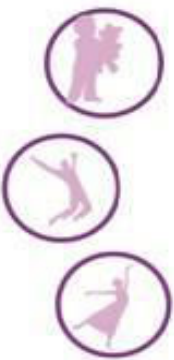


Figura 3: Fotos da série “noivas do Carandiru”, 2000.
Fonte: MAPA, 2017

As duas artistas, a partir dos trabalhos descritos e mostrados acima, explicitam as condições de vida de muitas mulheres na sociedade brasileira, desde as expectativas e os anseios pela constituição de uma família, independente das tristes realidades, as quais ainda se submetem; como também as questões de injustiças que envolvem gênero, raça, etnia, entre outros, que reprimem os seus direitos.

Metodologia de Pesquisa

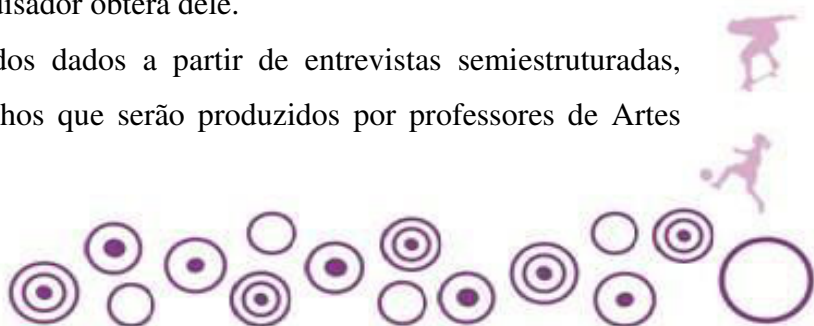
A metodologia desta pesquisa terá uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso.


De acordo com Denzin e Lincon (2006, p. 17) a pesquisa qualitativa “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes”.

O estudo de caso não é um método determinado de pesquisa, e sim uma maneira particular de estudo. “O estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias” (STAKE, 1995 apud ANDRÉ, 2005, p. 18).

As técnicas de coleta de dados nestes tipos de estudo podem ser: entrevistas, observações, gravações, entre outros – porém não são as técnicas que definem o tipo de estudo e sim o conhecimento que o pesquisador obterá dele.

Para esta pesquisa serão coletados dados a partir de entrevistas semiestruturadas, diários de campo e realização de desenhos que serão produzidos por professores de Artes





Visuais atuantes em escolas de ensino fundamental. Estes dados serão analisados e fundamentados a partir do referencial teórico proposto.

A realização de desenhos partirá do tema “Gênero e justiça”. O objetivo será compreender as concepções dos professores de Artes Visuais de escolas públicas quanto às questões de gênero e da justiça, em relação às imagens do currículo escolar a partir das imagens que serão produzidas pelos mesmos.

Para a análise destas imagens, será utilizado o método documentário de interpretação de Ralf Bohnsack, originado a partir do “[...] acesso metodológico à compreensão preconceptual ou 'ateórica' [...] introduzido, nos anos 1920, pela iconologia de Erwin Panofsky e pelo seu contemporâneo Karl Mannheim” (BOHNSACK, 2007, p. 311).

No método documentário, a interpretação da imagem deve ser iniciada num estágio anterior ao nível iconográfico, ou seja, no nível pré-iconográfico, situado na análise da estrutura formal da imagem.

Na proposta de Panofsky, as análises de imagens acontecem em três níveis interpretativos:

o nível pré-iconográfico, que visa aclarar o significado natural de uma obra, circunscreve-se ao mundo dos motivos, como objetos e eventos, representados por linhas, cores e volumes. Nesta etapa, o investigador tem por base, principalmente, sua experiência prática; o nível iconográfico, cujo foco é o significado convencional da obra, exige o tratamento com imagens, estórias e alegorias, implicando a familiaridade com temas e conceitos transmitidos por fontes literárias; e o nível iconológico, que tem por base seu conteúdo ou sentido imanente, envolve o entendimento dos princípios básicos que orientam a seleção e apresentação de motivos, a produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias (PANOFSKY, 2011 apud LEITE, 2014, p. 23).

Na primeira fase a imagem é analisada no nível pré-iconográfico, e a partir do método documentário de interpretação é necessário responder à pergunta “o quê?”.

Na segunda fase, ocorre a análise da imagem no nível iconográfico, no qual ainda é necessário responder a pergunta “o quê?” e procura-se também identificar as tipificações do senso comum em relação à imagem analisada.

E finalmente na terceira e última fase, se desenvolve a análise da imagem no nível iconológico/icônico, onde será possível considerar o contexto da sua produção e tentar responder à pergunta “como?”, priorizando um foco interpretativo.



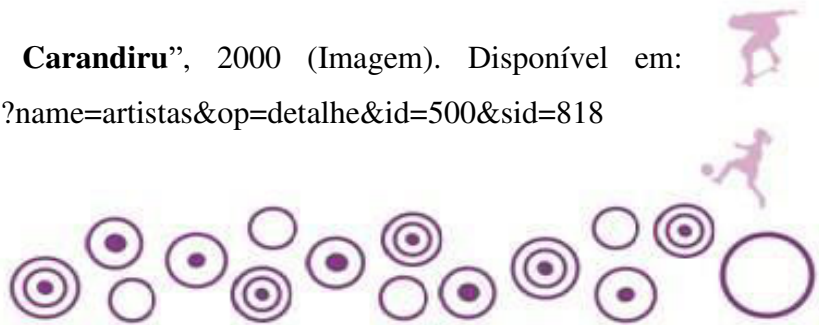


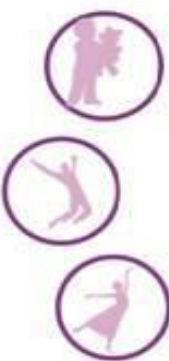
Considerações Finais

As imagens são utilizadas como formas de representação de nossas maneiras de ser e estar no mundo. Neste sentido, é possível destacar a importância das análises de imagens, visto que estas podem possibilitar reflexões e uma melhor compreensão sobre suas formas de representação.

Além da relevância do estudo das imagens, a pesquisa torna-se fundamental aos estudos referentes a gênero, currículo e educação.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o método documentário. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 286-311, jun./dez. 2007.
- DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual – Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LEITE, Maria Cecília Lorea. Imagens da Justiça, currículo e pedagogia jurídica. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (Org.) **Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.p.15-57.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V.(Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.11-29.
- MOYSÉS, Beth. **Biografia**. Disponível em: <http://murilocastro.com.br/beth-moyses/>
Acesso em: 03 nov. 2017.
- MOYSÉS, ELIZABETH DE MELO C. **Abrigo da Memória**. 2004, 140f. Dissertação (Mestrado – PRPG – UNICAMP). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284861/1/Moyses_ElizabethdeMeloCamargo_M.pdf Acesso em: 03 nov. 2017.
- MOYSÉS, Beth. **Série “Noivas do Carandiru”**, 2000 (Imagem). Disponível em: <http://mapa.pacodasartes.org.br/page.php?name=artistas&op=detalhe&id=500&sid=818>
Acesso em: 03 nov. 2017.
- 



PAULINO, Rosana. **Série Bastidores**, 1997, imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura, 30cm. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/trabalhos-2/> Acesso em: 03 out. 2017.

PAULINO, Rosana. **Biografia**. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/biografia/> Acesso em: 03 out. 2017.

PIMENTEL, Jonas. **Rosana Paulino: a mulher negra na arte**. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Rosana-Paulino-a-mulher-negra-na-arte> Acesso em: 03 out. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Flávio Antônio. Sociologia e teoria Crítica do currículo: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Flávio Antônio (org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 12 ed. São Paulo, Cortez, 2011. p.13-47.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Rosana Paulino: “é tão fácil ser feliz?”. **Revista Gênero**. Niterói, v. 10, n. 2, p. 235-256, 2010. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/25> Acesso em: 03 out. 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

